

O fungo *C. graminicola* tem baixa capacidade de sobrevivência no solo podendo, entretanto, sobreviver em resto de cultura ou em sementes nas formas de micélio e de conídios por longo período de tempo. Os conídios são a principal fonte primária de inóculo sendo disseminados pelo vento e por respingos de chuva para as folhas e colmo. Sementes infectadas podem dar origem a plântulas com sintomas de queima, com produção de lesões com abundante esporulação. A antracnose é favorecida por longos períodos de temperatura e de umidade altas, principalmente nas fase juvenil do milho ou após o florescimento.

A principal estratégia de controle da antracnose é a utilização de cultivares com resistência genética. Essa estratégia é eficiente e econômica sem custo adicional para o agricultor. Para aumentar a eficiência no controle da antracnose, além de utilizar cultivares de milho resistentes às principais doenças e bem adaptadas à região de plantio, há necessidade de se adotar outras boas práticas culturais como a rotação, manejo adequado de restos culturais, tratamento de sementes com fungicidas e práticas que promovam o desenvolvimento rápido e contínuo da lavoura.

Antracnose do milho.

2003

FD - FD0000081



18494 - 1

Tiragem: 2.000 - Dezembro/2003

Missão

Viabilizar soluções para o desenvolvimento sustentável do espaço rural, com foco no agronegócio do milho e do sorgo.



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo

Rod. MG 424 km 45 - Caixa Postal 151

35701-970 Sete Lagoas, MG

Fone: (31) 3779-1000 - Fax: (31) 3779-1088

www.cnpmis.embrapa.br

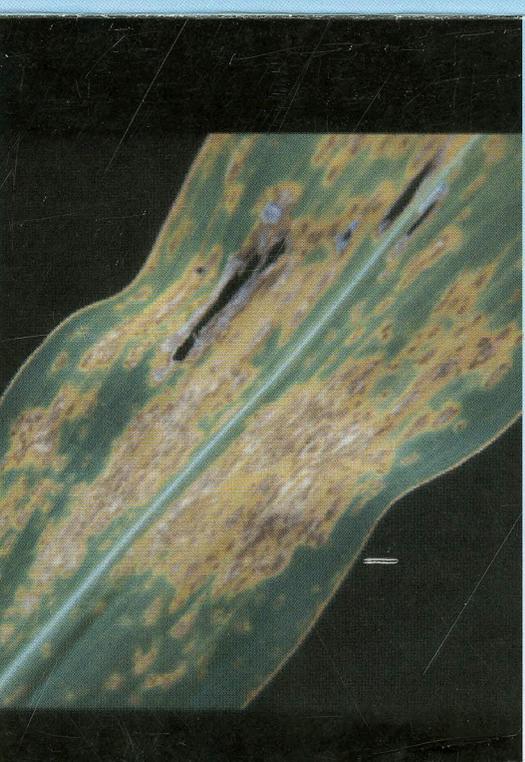
sac@cnpmis.embrapa.br

Ministério da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento



Ministério da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento

Antracnose do Milho



Antracnose do Milho

A antracnose do milho, causada por *Colletotrichum graminicola*, está presente em todas as regiões onde se cultiva o milho, principalmente, em áreas úmidas e quentes. Atualmente, no Brasil, um aumento na incidência e na severidade da antracnose tem sido observado, causando lesões foliares e podridão de colmo, resultando em morte prematura e acamamento das plantas.

Isto se deve, principalmente, às modificações no sistema de cultivo, como o uso do plantio direto e a prática da monocultura, que permitem a sobrevivência e a multiplicação de inóculo do patógeno em restos de cultura. Sob essas circunstâncias, sob condições ambientais favoráveis e com uso de cultivares susceptíveis, a antracnose pode causar sérios problemas para a cultura do milho com a redução produtividade e da qualidade do produto.

Os sintomas nas folhas se expressam como lesões escuras de tamanho variável de 0,5 a 1,5 cm e de forma variável de ovalada a elíptica com as bordas irregulares (Fig. 1). Os sintomas na nervura da folha caracterizam-se pela presença de lesões elípticas e alongadas, de coloração escura, provocando, muitas vezes, a queima das pontas das folhas em forma de V, semelhante à deficiência de nitrogênio (Figs. 2 e 3). Os sintomas da podridão do colmo, normalmente, são visíveis durante a maturação fisiológica da planta que se caracterizam pela formação, na casca, de lesões encharcadas estreitas, elípticas na vertical ou ovais (Fig. 4).



Figura 1. Antracnose foliar.



Figura 2. Antracnose na nervura com lesões coalescentes.



Figura 3. Antracnose em folhas baixas, dando aparência de deficiência de nitrogênio.

Posteriormente, estas lesões tornam-se marrom-avermelhadas e, finalmente, marrom-escuras. As lesões podem coalescer formando extensas áreas necrosadas de coloração escura brilhante e o colmo pode adquirir um aspecto de murchamento com aprofundamento da casca. O tecido interno do colmo apresenta, de forma contínua e uniforme, uma coloração marrom-escura podendo, mais tarde, em genótipos muito susceptíveis, desintegrar-se totalmente levando a planta ao acamamento e à morte prematura. Outro sintoma observado com frequência em lavouras de milho é "dieback" em que, inicialmente, observa-se o murchamento das folhas apicais que ficam amareladas ou avermelhadas; posteriormente, em genótipos muito susceptíveis, a parte da planta acima da espiga seca e morre de cima para baixo e o colmo se torna mais vulnerável ao quebramento.



Figura 4. Lesões típica de antracnose na parte externa do colmo.